

**ARISTÓTELES E PEIRCE:
OS SUBSTRATOS PARA A COMPREENSÃO LÓGICA
DOS PROCESSOS SEMIÓTICOS**

Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira (UFT)
luizpeel@yahoo.com.br

A linguagem comporta uma tríplice categorização: a “absignificação”¹, a significação e a consignificação. Dizer algo é, então, “absignificar”, significar ou consignificar: ou designamos intuitivamente a própria linguagem verbal, “absignificando”; ou a sua generalização, a partir da predicação, significando; ou, a sua composicionalidade textual, por meio da coesão e da coerência, consignificando.

Esses conceitos foram parcialmente apresentados por Aristóteles, principalmente em seu *Organon*, e posteriormente discutidos, com mais precisão, por Charles Sanders Peirce. Partindo, pois, do primeiro chegaremos sempre ao segundo, dissecando tanto as suas considerações preliminares quanto as consequências delas advindas.

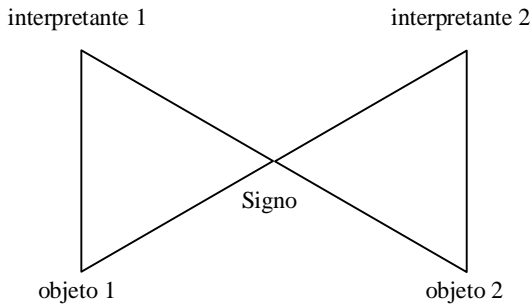
Quanto à primeira categoria, “absignificar” é apontar diretamente para a significância; sendo ótimos exemplos os nomes ou signos que indicam direta e simplesmente as suas próprias formas – o texto lírico, a pintura abstrata, o teatro do absurdo.

Em relação à segunda categoria, significar é definir conotativamente, ou seja, apontar genericamente para a essência; sendo exemplos precisos e diretos as frases declarativas, em que, a partir de uma substância ou sujeito, enunciemos um predicado genérico. Logo, podemos dizer, que a enunciação declarativa – o *logos apofantikós* aristotélico – comporta sempre um substrato e uma predicação (uma referência a um fenômeno real ou cultural e uma afirmação genérica a partir dele).

¹ A escolha de “absignificação” se justifica em função de ser um processo significativo fruto do acaso e da intuição, diferentemente dos processos da significação, calcados na indução, e da consignificação, fundamentada na dedução; outra justificativa é a relação que esse processo guarda com a abdução de Peirce.

Quanto à terceira categoria, consignificar é buscar o modo de pertença de um predicado em relação a seu sujeito (o modo com que, individualmente, genericamente ou acidentalmente, o predicado pertence a seu sujeito). E são três as formas de consignificação – três meios ou instrumentos dos quais o homem se serve para elaborar a composicionalidade, consignificando ora identidades ora diferenças: homonímia, sinonímia e paronímia, sendo que essa terminologia está atestada já em Aristóteles, no início do *Organon*. E, aqui, estabeleceremos a primeira relação entre o filósofo grego e o americano, pois é inegável que as tríades do segundo têm seu berço na tríade básica organológica do primeiro – homonímia, sinonímia e paronímia.

Iniciemos nossa explanação pela primeira tríade: a homonímica. Por ela nomes ou signos comuns apresentam objetos e interpretantes diferentes, conforme revela o gráfico abaixo, desenvolvido a partir das afirmações de Peirce, e também o texto aristotélico.



□ μώνυμα λέγεται □ ν □ νομα κοινόν, □ δ □ κατ □ το □ νομα
λόγος τ □ ς ο □ σίας □ τερος.ι

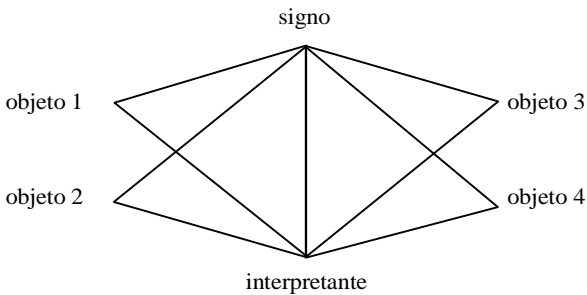
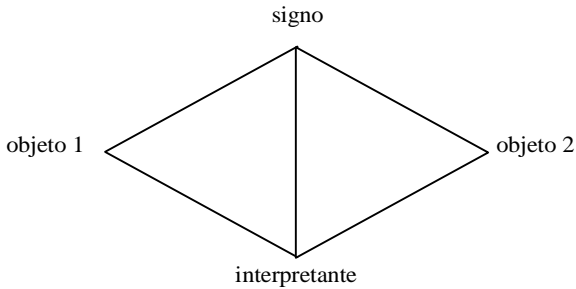
† ARISTOTELIS. *Categoriae et Liber de Interpretatione*. Oxford: Oxford University Press, 1986, 1a, 1.

Chamam-se homônimas as coisas [objetos] que têm apenas o nome [signo] em comum, enquanto que o correspondente enunciado [interpretante] da entidade é distinto.

Na homonímia, signos idênticos se referem a objetos e a interpretantes diferentes. Mas, para que nada fique no ar, expliquemos

detalhadamente a terminologia peirceana: os signos são constituídos por meio de semioses tripartides, compostas pelo signo propriamente dito, pelo seu referente ou objeto real ou cultural (o fenômeno), e por sua imagem psíquica ou interpretante (a interpretação que o sujeito tem do processo semiótico).

Já na sinonímia, encontramos a identidade tanto sígnica ou nominal quanto hermenêutica (os interpretantes também são comuns), conforme gráficos e texto, a maneira da afirmação anterior.



συνώνυμα δὲ λέγεται ἐν τῷ τε ἰσχυρισμῷ κοινῶν καὶ ἐν
κατὰ τὸ ἰσχυρισμῷ λόγος τῆς οὐσίας ἀποτόξιν.

1 ARISTOTELIS. *Categoriae et Liber de Interpretatione*. Oxford: Oxford University Press, 1986, 1a, 6.

Chamam-se sinônimas as coisas [objetos] que têm o nome [signo] em comum, sendo o correspondente enunciado [interpretante] da entidade também o mesmo.

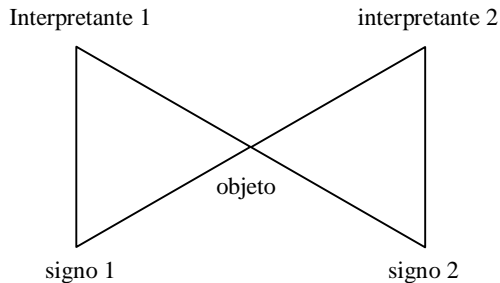
Temos, nesses casos, uma referência à identidade polissêmica, com ou sem identidade substancial. Convém observar, ainda, que são as coisas que recebem essas denominações, e não os nomes; são os referentes que são chamados de homônimos ou sinônimos, e não os signos. A preocupação do filósofo grego é com o processo de consignificação, com toda a função que realmente estabelece a consignificação. As coisas são sinônimas ou homônimas já que passam a consignificar contextualmente, não tendo sentido preciso fora do enunciado – *do logos*.

Quanto à paronímia, trata-se de diferenças pelo caso, ou seja, a diferença existe em relação aos signos e aos interpretantes empregados em função da especificidade de cada abordagem do objeto no desenvolvimento da mensagem ou do texto; é a especificidade de cada designação ou de cada proposição. Em suma, é a especificidade de cada caso, sendo o caso a expressão do fenômeno; e o mesmo fenômeno pode ser expresso por várias designações e significações por meio do processo da paronímia.

παρόνυμα δὲ λέγεται ἴσα ἴπό τινοῦ διαφέροντα τῷ πτόσει. (ARIS-TOTELIS, 1986, 1a, 12)

"Chamam-se parônimas as coisas que diferem de outra pelo caso".

E o gráfico correspondente à paronímia é o seguinte:



Observemos, agora, a especificidade de cada processo; primeiramente anotaremos o processo criativo da homonímia. A nota-

ção gráfica indicada acima, quando dissertamos a respeito desse processo, pode ser desenvolvida até a enésima potência, pois, dependendo do intérprete, haverá multiplicidade hermenêutica, isto é, ampla possibilidade interpretativa. Um exemplo tirado de Manuel Bandeira nos ajudará a compreender o processo: o primeiro verso do *Rondó dos Cavalinhos*, “Os cavalinhos correndo e nós cavalões comendo”, suscitou uma disputa muita saudável num jornal carioca – o debate entre Manuel Bandeira e Aurélio Buarque de Holanda a respeito do significado das palavras desse verso, veremos que para cada um dos autores, o vocábulo “cavalinhos” tem um significado; para o primeiro, esses versos trouxeram à mente os cavalinhos do carrossel, cavalinhos de pau, presos como objetos e soltos como fantasia, em que os indivíduos realizam prodigiosas viagens, circulares e cheias de mimese; já para Bandeira, os cavalinhos eram de carne e osso, os do Jôquei Clube, pequenos somente quando contemplados à distância, distantes do olhar. E essas várias possibilidades significativas, cada uma por sua vez, levam todos os outros signos a alterarem igualmente o seu sentido.

Por outro lado, no texto informativo, predomina o processo paronímico, que resulta em procedimentos mais simples, já que o sentido passa a ser fechado, determinado. O processo paronímico é percebido na relação entre as frases, ou melhor, na relação entre os signos de frases diferentes que se referem à mesma realidade objetiva.

Já a sinonímia aparece sempre em qualquer texto argumentativo (o publicitário ou o jurídico, por exemplo), uma vez que, nesses discursos, as bases referenciais e predicativas serão sempre genéricas, para poderem persuadir ou convencer.

Relacionando, agora, com as afirmações de Peirce, com suas matrizes de pensamento e linguagem, podemos afirmar que os processos que estamos abordando – “absignificação”, significação e consignificação, em relação aos enunciados verbais, ocorrem sempre na terceira matriz, a simbólica: a “absignificação” na sua expressão primeira (a primeiridade na terceiridade – o texto expressivo, lírico ou mimético); a significação na sua expressão segunda (a secundidade na terceiridade – o texto informativo); e a consignificação na sua

expressão terceira (a terceiridade na terceiridade – o texto argumentativo).

Dissequemos essas afirmações: no texto expressivo encontraremos as possibilidades significativas, ou seja, a explosão de significados, a existência de *rhema* (o que é dito, o vocábulo que predica – segundo Aristóteles e Frege) sem sujeito definido; por outro lado, no texto informativo, haverá a predominância do processo paronímico, já que o sentido é determinado; por último, na sinonímia, com a identidade de significantes e de interpretantes, depararemos com generalizações, posto que somente as referências ou as realidades objetivas é que serão distintas.

Consequentemente, a homonímia denota identidade nominal ou sígnica; a sinonímia, identidade nominal e nocional; e a paronímia, identidade referencial.

Quanto ao *rhema*, como já foi dito acima, constitui-se a partir de uma referência, isto é, de um sujeito, sendo sua elaboração a partir da predicabilidade. E seu papel básico, no processo de elaboração do enunciado, é definido em função do contexto semântico e pragmático, como propriedade, generalização ou acidente – ou indica uma característica própria ou genérica ou acidental do substrato empregado como sujeito.

Em relação a esse último, o sujeito, tem-se situação semelhante: ou é compreendido em relação ao contexto semântico e pragmático através de processos sinonímicos, ou paronímicos, ou homonímicos. Se os seres (ou realidades) nomeados apresentarem identidade nocional e nominal em relação ao contexto linguístico e pragmático, falar-se-á em processo elaborado com base na sinonímia; se somente apresentarem identidade nominal, o processo se baseará na homonímia; se identidade apenas do objeto, na paronímia; se, ao contrário, não houver identidade de nenhum tipo, ter-se-á um texto pouco coeso e pouco coerente.

A predicação pode, então, ser definida como o modo de criação de sentidos a partir da realidade (natural ou cultural), ou seja, como a possibilidade concreta de modalização sistêmica, estabelecendo, por meio de processos de “absignificação”, de “significação” ou de “consignificação”, coesão e coerência semânticas para o texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTOTE. *Organon – catégories et de l'interprétation*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1989.

ARISTÓTELES. *Organon*. Lisboa: Guimarães, 1985.

ARISTOTELIS. *Categoriae et liber de interpretatione*. Oxford: Oxford University Press, 1986.

PEIRCE, C.S. *Escritos coligidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

_____. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.

_____. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.